

REALIDADE ALÉM DA NOTÍCIA: VIRTUALIZAÇÃO E SOFRIMENTO NO TRABALHO JORNALÍSTICO

REALITY BEYOND NEWS: VIRTUALIZATION AND SUFFERING IN JOURNALISTIC WORK

Marília Barroso De Oliveira¹

Mara Aguiar Ferreira²

¹ Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza/Ceará. Graduada em psicologia pela Universidade de Fortaleza. Pesquisadora na área de Saúde Mental e Trabalho.

² Docente de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual do Ceará-UECE. Fortaleza/Ceará. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre e Doutora em Psicologia do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Fortaleza — UNIFOR. Pesquisadora na área de Saúde Mental e Trabalho.

Resumo: O jornalismo tem vivenciado, nos últimos anos, mudanças flagrantes nos processos de trabalho, derivados da consolidação da internet, que impõe urgência na produção de notícias e maior qualidade na apuração dos fatos. Assim, o presente artigo buscou investigar vivências de prazer e sofrimento de jornalistas que atuam em jornal impresso. O estudo foi realizado através de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados indicam o uso de mecanismos de enfrentamento em que as questões relativas à relevância social do trabalho promovem o bem-estar. Vislumbrou-se, ainda, vivências de sofrimento, em virtude da pressão por agilidade na produção da notícia, e pelas incertezas que atravessam a profissão.

Palavras-Chave: Psicologia do Trabalho; Prazer no Trabalho; Sofrimento no Trabalho; Jornalistas.

Abstract: Journalism has experienced in recent years, noticeable changes in work processes derived from the consolidation of the internet, which imposes urgency in the production of news and higher quality in the determination of facts. Thus, this paper aims to investigate experiences of pleasure and suffering of journalists working in printed newspaper. The study was conducted through semi-structured interviews. The results indicate the use of coping mechanisms, in which issues relating to the social relevance of the work promote wellbeing. Suffering experiences were glimpsed, due to the pressure and speed in the news production, and the uncertainties that cross the profession.

Key words: Work Psychology; Work Pleasure; Work Suffering; Journalists.

Resumen: El periodismo ha experimentado, en los últimos años, grandes cambios en los procesos de trabajo derivados de la consolidación de Internet, la cual requiere urgencia en la producción de noticias y una mayor calidad en la determinación de los hechos. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo investigar sobre las experiencias de placer y de sufrimiento que tienen los periodistas que trabajan en el periódico impreso. El estudio se realizó a través de entrevistas

semiestructuradas. Los resultados indican el uso de mecanismos de supervivencia, en los que las cuestiones relativas a la relevancia social del trabajo promueven el bienestar. Se dislumbran también estas experiencias de sufrimiento, debido a la presión que ejerce la premura en la producción de noticias, y las incertidumbres por las que está atravesando la profesión.

Palabras clave: Psicología del Trabajo; Placer en el Trabajo; Sufrimiento en el Trabajo; Periodistas.

1 Introdução

Muitas transformações ocorreram no mundo do trabalho desde o final do século passado e início deste. De acordo com Gorender (1997), essas mudanças são provenientes da recente revolução tecnológica em vários setores, principalmente, na informática e nas telecomunicações.

Arnt (2002), afirma que as novas tecnologias têm o papel de modernizar o processo industrial e dar agilidade a produção de notícias através da troca de máquinas velhas por outras mais modernas: os computadores. Com a consolidação da internet como principal ferramenta de trabalho, viu-se a necessidade em pensar o jornalismo digital, que amplia enormemente o potencial das edições impressas.

Castilho (2005) assinala o surgimento de um novo perfil do jornalista, aquele que é multimídia: capaz de produzir para o meio impresso e digital, apurando os fatos, realizando entrevistas, produzindo e divulgando as notícias num curto espaço de tempo, em virtude das constantes atualizações, e isso, sem dúvida alguma, aumentou consideravelmente as responsabilidades dos profissionais.

Assim, os jornalistas se percebem em meio a um tempo de ambiguidades e indecisões. Observa-se nas iniciativas empresariais a busca pela convergência digital, no desdobramento da marca entre diferentes plataformas, permitindo assim, trazer novamente fôlego às organizações. Assim, esses trabalhadores vivenciam um momento instável, passível de repercussões ampliadas na sua relação com o trabalho, bem como impactos em sua saúde e bem-estar (GORENDER 1997).

Segundo Dejours (2007), o ato de trabalhar implica a mobilização de gestos, saber-fazer, engajamento do corpo, de inteligência e de reflexão. Envolve o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc. Ou seja, o trabalho se configura no envolvimento da personalidade em busca de resultados delimitados por razões materiais ou sociais. Nessa perspectiva, o sofrimento surge como um estado mental que implica uma ação reflexiva da pessoa sobre o "estar no mundo". Dejours (2008) ressalta que o sofrimento psíquico é sempre individual e único. Ele é responsável por impulsionar o sujeito no trabalho, em busca das condições de autorrealização.

O sofrimento pode assumir duas perspectivas: pode ser entendido como aquele que causa aflição e angústia sendo, essencialmente, paralisante, ou seja, o sujeito se vê impossibilitado de qualquer ação e iniciativa. Ou pode ser concebido como aquilo que move o sujeito na busca da libertação que o aflige, levando-o ao enfrentamento do real, trazendo satisfação e engajamento (DEJOURS, 2009).

Assim, com base no aparato teórico da Psicodinâmica do Trabalho, este estudo visa investigar vivências de prazer e sofrimento de jornalistas que atuam em jornal impresso.

2 O trabalho do jornalista e seus desdobramentos

O jornalismo é uma profissão ambivalente e de confusa significação, sob seu conceito há uma multiplicidade de funções, formas de exercício da profissão e produções diversas. Por isso, "jamais a categorização do jornalista dirá muita coisa sobre a profissão, suas mudanças e dilemas" (FILHO, 2000, p.53).

Contudo, não é impossível apreender o estudo do jornalismo como profissão. Percebe-se, nesta disfuncionalidade, um sentimento de identidade social que permeia a construção do "ser jornalista". Pereira (2004) resgata as expressões: "cães de guarda da sociedade", "princípio da responsabilidade social", "Quarto Poder" da imprensa, afirmando que se tratam de locuções ligadas a idealizações romantizadas atribuídas ao jornalista, fornecendo um status privilegiado das demais profissões. Sob a responsabilidade de supervisionar as instituições e os valores democráticos, o jornalista reflete a imagem do protagonista solitário, quase heroico, comprometido com os ideais democráticos.

Para Kovach e Rosenstiel (2004) o jornalista possui nove obrigações fundamentais. Seriam elas:

1. Engajamento com a realidade;
2. Transparência com a sociedade;
3. Minuciosidade na exatidão da notícia;
4. Postura imparcial;
5. Auditar governos e suas práticas;
6. Reconhecer-se em um lugar privilegiado;
7. Dar notoriedade ao que é importante;
8. Ter compromisso com a notícia;
9. Exercer sua liberdade sem influência de terceiros.

No entanto, a partir da década de 70, percebe-se o movimento no Ocidente, sobretudo nos Estados Unidos, que traz a ideia de um jornalismo voltado para os interesses do mercado. A estrutura social se modifica e, deste modo, a notícia passa a depender sobremaneira à lógica de exploração do sistema capitalista. No Brasil, o controle das empresas jornalísticas atravessa a concentração das empresas em grandes grupos familiares, que alternam entre diretrizes autoritárias e profissionais. Segundo Ribeiro (1994), as empresas transitam entre dois estilos de gestão: um baseia-se na competência e na exigência, e o outro dá ênfase à confiança e ao favor. E, apesar da gestão ser realizada por executivos, o poder do dono do jornal é contundente.

Para Kovach e Rosenstiel (2004), o jornalista divide sua lealdade entre as exigências das empresas, seus acionistas e o compromisso com seus leitores, ouvintes ou telespectadores, sendo óbvio o impacto da mercantilização da notícia no exercício profissional.

Ainda refletindo sobre a transformação dos jornais em mercadoria, pode-se citar a piora na qualidade do trabalho, onde os textos adquirem um caráter instrumental mais adequado aos interesses de mercado, fazendo do profissional um operário imerso no sistema taylorista de produção.

Para Filho (2000), o jornalismo se tornou apenas disciplinamento técnico, pois ele deve ser uma peça regular, com bom funcionamento, ou seja: capaz de ser conectado a qualquer altura do sistema de produção de informações.

De acordo com Moretzsohn (2002), o jornalista nunca deixou de exercer uma atividade intelectual, desempenhando uma função primordial na construção social. Concomitantemente, ele entra na lógica das rotinas produtivas de distribuição de cultura, que funcionam de forma autônoma às produções científicas.

Desse modo, traçar o perfil do profissional jornalista e seu papel na sociedade torna-se uma atividade extremamente complexa, sendo

necessária a sistematização de conceitos e teorias que vão além dos objetivos deste estudo.

3 Impactos da tecnologia no trabalho jornalístico

Nos últimos anos, o campo de ocupação do profissional jornalista atravessou grandes mutações em virtude da consolidação das novas tecnologias, novos formatos de produção e construção do trabalho. Diversas pesquisas têm sido elaboradas nesta perspectiva e apresentadas em congressos nacionais e internacionais. Os conceitos de teoria do espelho, *gatekeepers* e *newsmaking*, estudos que se aproximam do chamado "funcionalismo sociológico", são muito presentes nas discussões sobre as transformações vivenciadas por este grupo de profissionais (GROHMAN, 2013).

Na teoria do espelho, o jornalista representa a realidade, refletindo de maneira fiel os acontecimentos. É o profissional imparcial, pautado na ética, cuja missão é transmitir para sociedade os acontecimentos de forma idônea, desprovida de subjetivismo e de interesses pessoais.

A teoria do *gatekeeping* compreende o profissional como aquele responsável por filtrar as notícias, aprovando ou rejeitando-as. Seriam aqueles capazes de discernir o que é ou não de interesse público. A partir dessa perspectiva, os jornalistas perscrutam o mundo e atuam como mediadores da informação, criando textos, imagens e disseminando aquilo que deve ser do conhecimento de todos. Entretanto, para selecionar as notícias, os critérios utilizados são permeados pelas diretrizes organizacionais que primam pela eficiência e agilidade, ou seja, a organização de trabalho no qual o profissional está inserido, atua de maneira contundente na seleção dos *gatekeepers* (WOLF, 2008).

Assim, as determinações editoriais acabam aprendidas de maneira natural, sendo esse conhecimento de natureza quase instintiva. Por esse motivo, o trabalho do jornalista é concebido como mecânico, em que o editor apenas reproduz aquilo já assimilado. Segundo Pena (2005), os anos 70 tiveram estudos envolvendo o conceito de *newsmaking*, apresentando o jornalista como um profissional mais planejado, regido por normas editoriais, com tempo escasso e imerso na rotina, elaborando e divulgando as notícias sem levar em consideração suas crenças pessoais.

Estas teorias deslocam a profissão de jornalista para um lugar de compreensão complexa. Para Bourdieu (1997) o mundo do jornalista é composto por embates, competitividade e hostilidade. Ribeiro (1994) entende que o profissional jornalista trabalha em tempo integral, pois, mesmo que não esteja em horário de trabalho, é responsável por noticiar

os fatos aos leitores. A classe dos jornalistas atuais, além de necessitar ter o domínio sobre os mais variados assuntos, precisa ser polivalente, opinando sobre temas variados e trabalhando em instâncias onde se exige o conhecimento de multiplataformas tecnológicas.

Na atualidade, segundo Ribeiro (1994), o profissional acaba acumulando jornadas e quebrando seu ritmo biológico e social, podendo atravessar o “desencanto” com a profissão, pois as exigências de um ritmo de trabalho descontínuo gera inércia e tensão máximas.

Filho (2000) considera o jornalista um mero repetidor, coagido pelas organizações de trabalho, sem espaço para a criação, para sua ação individual. Ribeiro (1994) corrobora, afirmando que o trabalho passou a ser mensurado pelo pressuposto do desempenho, cedendo espaço para a implicação individual do jornalista, subtraído em suas iniciativas pessoais, realizando as orientações dadas pelas empresas, que parecem ser as grandes protagonistas da notícia.

4 O trabalho jornalístico na era da internet

Com o crescimento do consumo, o capitalismo começa a atravessar crises, em virtude das baixas produtividades em relação ao passado, afetando profundamente a classe trabalhadora, tornando-a mais heterogênea, dividida e complexa. De acordo com Maldonado (1999), o trabalho passou, a partir da reestruturação produtiva, a incorporar novos modelos de produção, gestão e incorporação de tecnologias. Vê-se em seguida, o surgimento da internet.

Na década de 90, observou-se em âmbito mundial, a propagação da internet, transformando de forma contundente e profunda o modo de vida da humanidade, fortalecendo o processo de globalização de maneira jamais vista antes. Influenciados pelo surgimento dessas novas tecnologias, os meios de comunicação sofreram grandes modificações com novas formas de veiculação das notícias, divulgadas em tempo real e atingindo em grande escala as pessoas no mundo inteiro. Pode-se dizer que a internet trouxe uma revolução no modo de divulgação das notícias e, a partir dela, nenhum outro veículo de comunicação foi capaz de permanecer o mesmo.

O jornalismo expresso na internet pode sofrer diversas nomenclaturas, para Serra (2003), os termos: jornalismo on-line, ciberjornalismo, webjornalismo ou jornalismo na internet não passam de sinônimos.

Porém, para outros autores, há divergências. Canavilhas (2012) adota “webjornalismo”, pois para o autor representa a junção do texto, som e imagem oferecidos na internet. Ferrari (2008) diferencia jornalismo on-line, jornalismo digital e ciberjornalismo. Como não há consenso entre os profissionais que discutem o tema, os termos aqui abordados que se referem a produção jornalística na rede mundial de computadores serão utilizados como idênticos.

A história do acesso à internet na busca de notícias pode ser dividida em três fases, segundo Canavilhas (2012). Na primeira, ocorre apenas o deslocamento da notícia já produzida em outros meios para o ambiente on-line. A segunda fase é marcada por discretas alterações advindas dos veículos tradicionais, mas observa-se a inclusão de imagens, sons e vídeos. E por fim, na terceira fase, os conteúdos são desenvolvidos exclusivamente para a web, com *hiperlinks*, possibilitando um vasto acesso ao usuário.

No final da década de 1990, os sites brasileiros ofereciam notícias diferenciadas e *hiperlinks*, mas com características concernentes à segunda fase do jornalismo on-line. A partir de 2001, já na terceira fase, os jornais on-line comprometeram-se com conteúdo de qualidade, design acessível e investimentos financeiros através dos recursos publicitários. De acordo com Castilho (2005), não houve na história da profissão algo que alterasse tanto o ambiente jornalístico quanto o uso combinado do computador e da internet na propagação das notícias.

O jornalista da atualidade precisa ser multiplataforma e polivalente, competente em diversos meios e linguagens, assumindo funções desempenhadas antes por outros profissionais. Ferrari (2008) afirma que a internet não é somente a convergência de mídias, mas outra coisa, ligada a tecnologia e com particularidade única.

A fim de neutralizar o pequeno espaço de tempo que o jornalista dispõe para apuração da notícia, o computador pode se tornar protagonista. Em relação a isso, Pena (2012), adverte: ao mesmo tempo em que o computador é capaz de dar agilidade necessária, a diversidade de fontes torna ao resultado pouco confiável.

Assim, a dimensão multimídia do jornalismo on-line afetou imensamente os profissionais, provocando uma reforma sem precedentes nas redações, com o aparecimento e desaparecimento de cargos. Houve, ainda, a diminuição na quantidade de profissionais, pela obrigatoriedade de os jornalistas serem multifuncionais, exigindo produção e veiculação da notícia em um curto espaço de tempo. Ferrari (2008), explica que tal fato ocorreu, em virtude das exigências constantes da profissão, que fazem

com que o jornalista seja responsável por toda a cadeia de produção da notícia, desde sua definição, análise, escrita e edição.

Kischinhevsky (2009) afirma que, ao acumular diversas funções, o profissional desconsidera a própria notícia em si, podendo desfavorecer a profundidade da informação, deixando de realizar novas entrevistas, que poderiam assegurar a veracidade do fato informado.

Vale ressaltar ainda, ausência de busca pela notícia fora do ambiente da internet, levando-o a não sair em busca das fontes originais, podendo adquirir as informações através de sites diversos e de credibilidade duvidosa (FERRARI, 2008).

Dornelles (2009) observa que a expectativa da extinção dos jornais é um dos temas mais discutidos quando se propõe a conhecer o cenário da mídia diante das mudanças tecnológicas que ocorrem desde o aparecimento dos aparelhos pessoais e da internet.

O surgimento da internet comercial trouxe ao jornalismo impresso a pior crise de sua existência. Isso se deu em virtude dos novos hábitos de consumos das gerações, pois os jovens leem muito menos pelos jornais, recorrendo à internet. A cada geração, o número de consumidores de jornais diminui, entrando em declínio num ritmo veloz. (DORNELLES, 2009)

Meyer (2007) compreende que os jornais devem passar a conhecer o mercado, investir ainda mais na qualidade do produto e explorar plenamente a capacidade das publicações, introduzindo a plataforma digital. Assumir esse estratagema requer enxergar as novas tecnologias como oportunidades, e não como intimidação.

5 Método

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, com delineamento descritivo, de corte transversal.

A amostra da pesquisa constitui-se de cinco profissionais que atuam em redação de jornal, na produção de notícias do meio impresso e do digital.

Considerou-se os seguintes critérios de inclusão: tempo de atuação na área, que deveria ser igual ou superior a cinco anos, e o grau de escolaridade, possuir, no mínimo, graduação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo).

Utilizou-se como instrumento para coleta de dados a entrevista norteada por roteiro semiestruturado. Para a realização das entrevistas, os participantes preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido.

A princípio, foi realizado contato pessoal para apresentar a proposta do estudo. Na sequência, foram feitas entrevistas abordando questões ligadas aos objetivos do estudo.

A postura de escuta aberta do entrevistador foi de fundamental importância para a investigação realizada, pois tornou o contexto do entrevistado favorável para emergência de maiores informações e detalhamentos sobre o tema.

Os dados obtidos foram gravados com o auxílio de um gravador telefônico, transcritas e submetidas à análise de conteúdo a luz do referencial teórico.

A análise dos dados permitiu a organização do material sobre a compreensão dos jornalistas acerca do seu trabalho em quatro categorias:

1. Percepção sobre o sentido do trabalho jornalístico;
2. Mudanças da profissão e sofrimento;
3. Estratégias de defesa e enfrentamento; e
4. Perspectivas futuras para o jornalismo impresso.

6 Resultados e discussão

6.1 Percepções sobre o sentido do trabalho jornalístico

Nesta categoria, vislumbrou-se que na percepção desses profissionais, o trabalho é importante pela sua relevância social, levando-os a crer que são verdadeiros vetores que impulsionam as transformações no seio da sociedade. Relatam a satisfação em trazer notícias novas, informar, prestar esclarecimento, conhecimento e instrução para o público a fim de alterar alguma realidade.

Em suas falas foi percebido que o reconhecimento social e a contribuição para o bem da sociedade é de fundamental importância para a satisfação do trabalho, pois, é a partir do olhar do outro que se constitui a conscientização do próprio valor. O reconhecimento da sociedade confere um pertencimento que expurga a solidão, transformando seu sofrimento em desenvolvimento de sua identidade.

Assegurar que chegue pra quem está lendo: pro internauta, leitor... A notícia com seriedade, compromisso com o fato que você está relatando. Quando você vê que saiu uma coisa legal, que você percebe que pode influenciar de alguma forma na mudança, na valorização de alguma cultura, isso pra mim é um resultado que importa. E a gente conseguir atingir alguém que tenha errado, isso dá muita satisfação pelo bem das pessoas. Não é fácil, porque existem as barreiras da própria empresa, mas a gente consegue. (Entrevistado A)

Conforme afirma Dejours (2009), o julgamento do trabalho é algo esperado, tanto no que diz respeito a utilidade quanto à qualidade. O reconhecimento do trabalho é o que permite a transformação do sofrimento em prazer.

Os relatos denotam que os profissionais se sentem identificados com o trabalho, tal como afirma Mendes (1995) ao pontuar que o trabalhador ao produzir, se reconhece como alguém que tem importância para si e para o outro, trazendo orgulho de sua produção, fazendo-o sentir-se compelido a desenvolver-se profissionalmente numa expressão de liberdade e criação.

6.2 Mudanças da profissão e sofrimento

Pôde-se apreender que os jornalistas evocam sentimentos de angústia relacionados as mudanças ocorridas no interior do exercício profissional. Os entrevistados afirmaram de maneira contundente a dificuldade de adaptação ao novo modelo proposto.

No entanto, expressam que não se trata de uma exigência somente da organização, relatam que o próprio mercado tem estipulado essa condição aos profissionais, sob a ameaça de tornarem-se desatualizados e anacrônicos.

No começo foi um pouco temeroso pela velocidade do on-line, porque o impresso tinha tempo pra pensar, pra analisar e o on-line é aquela coisa bem rápida e instantânea, ou seja, tipo quase de uma forma mecânica, até. E além da escravidão que eu acho que há no jornalismo on-line. É uma escravidão maior que no jornal impresso. Escravidão pelos horários, por exemplo: o impresso, tem horários pra fechar, o on-line não, é direto, vinte quatro horas, entendeu? As coisas vão acontecendo e você sempre alimentando com notícias. Tem que estar atento ao que está acontecendo, mesmo no tempo livre, estando de folga. (Entrevistado B)

Essa lógica corrobora o pensamento de Adghirni e Ribeiro (2002) quando afirmam que, nos meios de comunicação, observa-se um processo

de transição, onde os conceitos tradicionais de jornalismo estão em discussão, levando-se em conta novos paradigmas. E ainda, as mudanças exigem uma nova postura do profissional frente à sociedade, conforme relata Ribeiro (1994), que as pautas jornalísticas podem sair das situações mais inusitadas: numa mesa de bar, cinema e outras atividades de lazer, conduzindo o profissional a pensar no trabalho até mesmo nos momentos mais descontraídos de sua vida, trazendo sofrimento psíquico.

6.3 Estratégias de defesa e enfrentamento

Esta categoria revela o modo como os trabalhadores reagem frente aos desafios vivenciados. Para Dejours (1994), o sofrimento instaura-se quando a realidade se mostra incipiente para satisfazer as necessidades dos trabalhadores. É, no contexto do trabalho, que se constrói a resistência, o fortalecimento da identidade pessoal, as estratégias de enfrentamento e a criatividade para mudar as situações geradoras de sofrimento. Tais estratégias são possíveis somente mediante a liberdade dada ao trabalhador para alinhar as suas expectativas com as da organização.

Deste modo, pode-se perceber que as estratégias adotadas pelos pesquisados findam por se constituir em experiências estruturantes, expressas nos discursos dos jornalistas:

Eu sou do tipo que não entrega os pontos. Tem gente que fala que não dá pra trabalhar em jornal porque tem o dono que manda em tudo. Eu não acredito nisso, porque antes eu, que me esforço e soffro com isso. Ruim é quem faz o que mandam sem nenhum problema ou então o cara que dá 'murro em ponta de faca' e é demitido no dia seguinte. Então, eu tento equilibrar o mal estar. O trabalho de redação é um trabalho extremamente contraditório, em que você está sempre no embate dessa contradição. (Entrevistado C)

Para estes profissionais, a autonomia para escrever e produzir a notícia com responsabilidade e ética, é fator crucial para a superação do sofrimento.

Observou-se que os colaboradores entrevistados compreendem as limitações da organização, buscando realizar suas atividades dentro das normas estabelecidas, pois conforme afirma Pena (2005), a apreensão das diretrizes editoriais acaba se tornado naturais. Entretanto, apesar disso, o profissional, muitas vezes, encontra uma maneira de publicar a notícia investindo seu olhar e perspectivas pessoais. Assim, conforme afirma Bueno e Macêdo (2012), o trabalho que permite uma margem de

autonomia oferece ao sujeito a possibilidade de autorrealização, e a transformação do sofrimento em prazer e bem-estar no trabalho.

6.4 Perspectivas futuras para o jornalismo impresso

No que diz respeito as perspectivas encontradas pelos sujeitos em relação ao futuro da profissão, observou-se que as mudanças exigem novas competências e habilidades, levando-os a rever e repensar suas trajetórias, o que tem produzido sentimentos de vulnerabilidade, estranhamento e indefinição:

Essa é uma questão que discuto muito com meus amigos até em relação ao futuro do jornalismo. Hoje tá uma coisa muito obscura pra gente, pelo fato dos jornais não estarem se sustentando, não sei. Tá um mundo que a gente não sabe para onde vai caminhar (Entrevistado E)

Como enfatiza Flach (2009), o ambiente de trabalho contemporâneo é marcado por evoluções e mudanças contínuas, obrigando os profissionais a se adaptarem freneticamente a elas e submetendo-os a um processo de vigilância constante, sendo obrigados a conviverem com a sensação de insegurança e a buscarem criativamente meios de se sentirem seguros e confortáveis. Entretanto, nem sempre isto se torna possível.

7 Considerações Finais

A pesquisa denotou que os entrevistados possuem uma compreensão clara acerca da importância e relevância social de sua atuação profissional. A partir da análise dos relatos foi possível identificar a crença de que os jornalistas são capazes de atuar de maneira efetiva na realidade na qual estão inseridos, impactando de modo positivo a vida da sociedade. Tal compreensão gera um forte sentido de trabalho, fazendo com que esse assuma um lugar essencial na vida e na constituição de suas identidades.

O desejo de poder alterar de forma concreta a realidade seja através do fornecimento de notoriedade aos anônimos, mudando seus contextos de vida, ou mesmo, por meio de denúncias de irregularidades do poder público, ou quaisquer anormalidades percebidas na sociedade, são fatores que dão sentido à sua atuação profissional. Entretanto, isto nem sempre é possível, pois as notícias, em sua maioria, são factuais, narrando os acontecimentos cotidianos de maneira ágil e volátil, sem permitir a

reflexão que, muitas vezes, é necessária aos fatos, exigindo do profissional cada vez mais destreza e rapidez.

Os profissionais entrevistados possuem uma visão lúcida acerca das mudanças atravessadas na profissão e o quanto é necessário um processo de atualização contínua de suas práticas. Um dos entrevistados demonstrou grande incômodo e alguns sentimentos de inadequação e até mesmo, em certos momentos, revolta. No entanto, os demais sujeitos, relataram situações vivenciadas onde a flexibilidade e a criatividade se sobressaíram, tirando-os de uma possível situação de angústia e fazendo-os experimentar satisfação e realização profissional.

A partir dos dados levantados, é possível perceber que as mudanças ocorridas no interior da profissão, no que concerne a realização direta da atividade, impactaram de maneira profunda a vivência desses profissionais, sendo geradoras de sofrimento e inseguranças.

Desse modo, mostrou-se notória a mobilização interna utilizada pelos profissionais, que fazem uso da criatividade, buscando autonomia, superação dos imprevistos e das imposições da organização através da sugestão de pautas.

Os valores éticos, no que concerne à responsabilidade sobre as notícias divulgadas, foram citados de forma unânime, indicando que este é, também, um recurso utilizado para a busca de autonomia e reconhecimento social, sendo possível, assim, a superação dos sofrimentos e o alcance do prazer.

A incerteza quanto ao futuro da profissão é algo que perpassa a todos os discursos. No entanto, nota-se que os profissionais buscam a adaptação aos novos processos de trabalho, pois esses são compreendidos como cruciais para a sobrevivência na profissão.

Sugere-se, assim, a realização de estudos de caráter quantitativo ou estudos qualitativos que contemplem um maior número de organizações e regiões do país, pois não houve a intenção em esgotar os estudos sobre o tema.

Referências

ADGHIRNI, Z. L.; RIBEIRO, G. S. N. Jornalismo on-line e identidade profissional do jornalista. **Imprensa e Poder**, v. 1. n. 1 p. 151-166, 2002. Disponível em: < http://www.portalimprensa.com.br/revista_imprensa>. Acesso em: 12 jan.2016.

ARNT, H. Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais. In: HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, M. (Orgs). In: **Jornalismo no século XXI: a cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 223-238.

BOURDIEU, P. A influência do jornalismo. Posfácio. In: **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUENO, M.; MACÊDO, K. B. Viver e escrever no processo criativo do trabalho do escritor literário. Em: V Congresso de Psicologia Organizacional e do Trabalho. **Anais do V Congresso de Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Rio de Janeiro, 2012, p. 152.

CANAVALHAS, J. M. M. Do jornalismo on-line ao webjornalismo: formação para a mudança. **Comunicação e Sociedade**, v. 9, n. 10, p. 113-119, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO>>. Acesso em: 10 jan.2016.

CASTILHO, C. Webjornalismo: o que é notícia no mundo on-line. In: RODRIGUES, Ernesto (Org.). Em: **O jornalismo brasileiro na TV e na internet**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 231-256.

DEJOURS, C. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: BETIOL, Maria Irene Stocco. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez/Oboré, 2008.

_____. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. Escola de Administração de Empresas de São Paulo: Fundap, 1999.

_____. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

_____. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. **Revista Cult**, v. 139, n.34, p. 49-53, 2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/>>. Acesso em: 16 jan.2016.

DORNELLES, B. O futuro do jornal. **Revista FAMECOS**. v. 1, n. 40, p. 63-67, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/index>>. Acesso em: 16 jan.2016.

FLACH, L., GRISCI, C. L. I., SILVA, F. M. D., & MANFREDINI, V. Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-7182&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jan.2016.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2008.

FILHO, M. C. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

GORENDER, J. Globalização, tecnologia e relações de trabalho. **Estudos avançados**, v. 11, n. 29, p. 311-361, 1997. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/revista>>. Acesso em: 13 jan.2016.

GROHMANN, R. As teorias sobre o profissional jornalista e o binômio comunicação e trabalho. **Libero**, v. 16, n. 32, p. 123-132, 2013. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/revista-libero/>>. Acesso em: 10 jan.2016.

KISCHINHEVSKY, M. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. Em: RODRIGUES, Carla (org.) **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Sulina, 2009.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MALDONADO, J. Tecnoglobalismo e acesso ao conhecimento. Em: LASTRES, H. M. M; ALBAGLI, S, (Orgs). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1414-9893&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jan.2016.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo em "tempo real": o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PENA, F. **No jornalismo não há fibrose: a ruína das fontes, o denunciamento e a opinião pública**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, F. H. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.html>> Acesso em: 21 dez. 2016.

RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SERRA, J. P. A transmissão da informação e os novos mediadores. **Informação e Comunicação**. v. 1,n.1, p. 13-48, 2003. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>>. Acesso em: 15 dez.2016.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Artigo apresentado em: 08/01/2016

Aprovado em: 12/01/2017

Versão final apresentada em: 23/02/2017

OLIVEIRA, M. B. de; FERREIRA, M. A. *Realidade além da notícia: virtualização e sofrimento no trabalho jornalístico*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 64-79, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>